

AB SABIN
Ensinar é criar descobertas

AS COLÉGIO ALBERT SABIN
Ensinar é criar oportunidades



cultura & informação
A REVISTA DO SABIN

3º trimestre letivo 2019 – ano XXV – nº 74

Parâmetros e evidências

Cento e oitenta questões de múltipla escolha e uma redação, ao longo de 10 horas e meia, divididas em dois dias de aplicação de prova. Eis o desafio a que quase 4 milhões de jovens brasileiros se submeteram, no início de novembro, com a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). O que seria tarefa árdua para qualquer um, porém, teve para nossos alunos pelo menos um fator atenuante: não foi a primeira vez que eles fizeram esse tipo de prova. Em duas ocasiões anteriores, neste ano, os alunos puderam se testar no desafio, quando responderam aos simulados do Enem da empresa Evolucional, com a qual o Sabin firmou contrato no ano passado.

Após uma experiência-piloto em menor escala, em 2018, a partir de 2019 o Sabin passou a contar com a Evolucional para aplicar simulados do Enem às turmas do Ensino Médio (uma vez por ano na 1ª série, duas vezes por ano na 2ª e 3ª séries), bem como uma prova de Diagnóstico do Ensino Fundamental aos 9ºs anos (seguindo o modelo da Prova Brasil).

Se, para o aluno, simulados são oportunidades para treinar sua *performance* de realização de prova e identificar os próprios pontos fracos a tempo de remediá-los, para o Colégio, avaliações como essas também têm imenso valor.

Em primeiro lugar, podemos notar que, toda vez que um aluno faz uma prova, ele não é o único a ser avaliado. Também para nós, educadores, avaliações de aprendizagem resultam em *feedbacks* essenciais, que nos mostram em que pontos nosso projeto pedagógico está sendo bem ou malsucedido. Afinal, se um grande número de alunos demonstra dificuldade em uma mesma questão, significa que há ainda trabalho a ser feito sobre este objeto de conhecimento ou habilidade específicos.

Em segundo lugar, o grau de complexidade de provas como o Enem, hoje em dia, permite um nível de detalhamento formidável do que sabemos sobre nossos alunos. Em linhas gerais, podemos descobrir não apenas que tipo de conteúdo ou habilidade apresenta maior dificuldade para cada um deles, e para a turma como um todo, como podemos ver com clareza a origem da dificuldade: como eles estão raciocinando, onde estão errando e que medidas devemos tomar para sanar o erro. Se a resposta correta a uma questão é a alternativa A e muitos alunos marcam a B, o trabalho do professor é um; se marcam a letra C, é outro.

Além disso, tais avaliações dão ao Sabin parâmetros com os quais se medir, objetivamente, em um universo muito mais amplo de instituições de ensino. O universo de escolas brasileiras, no caso de simulados de provas como o Enem – ou mesmo no caso do Enem real, já que temos acesso a uma plataforma de análise de microdados do desempenho anual dos nossos alunos, desde 2009 –, mas também o universo da educação no mundo.

É o caso de outra ferramenta de avaliação externa da qual participaremos este ano, o Pisa para Escolas: um teste com questões retiradas do banco de itens do Programa de Avaliação Internacional de Estudantes (Pisa), aplicado em novembro a alguns de nossos alunos de 15 anos, sorteados pelos organizadores da prova. O resultado, que sairá no começo de 2020, nos dará mais subsídios para avaliarmos a qualidade do nosso projeto pedagógico em comparação a médias internacionais. Esse é mais um passo no caminho que traçamos desde o início, de ensinar com base em evidências, para assegurar que nossos alunos – todos e cada um – sigam evoluindo em sua aprendizagem.



Giselle Magnossão
Diretora pedagógica
do Colégio Albert Sabin
giselle@albertsabin.com.br



Cultivar saberes, colher competências.

Revista do Sabin,
3º trimestre
letivo 2019
ano XXV – nº 74
Aluna da capa:
Audrey Wan Ning Li,
1º ano J.

4+5



+ Conversa Paralela
Consultor fala da procura crescente de alunos por graduações fora do País

6+7



+ Educação Infantil
Nas hortas do Sabin e do AB Sabin, lições de agroecologia e de amizade

8+9



+ Ensino Fundamental I
Mostra Cultural expõe as competências adquiridas por meio dos conteúdos

10+11



+ Ensino Fundamental II
Programa de Produção de Texto ensina alunos a ter e a defender as próprias ideias

12+13



+ Ensino Médio
As conquistas recentes e os vários benefícios de quem disputa olimpíadas acadêmicas

14



+ Idiomas
Novo serviço do Departamento de Inglês ajuda alunos a buscar universidades no exterior

15



+ Esportes & Cultura
Alunos contam o que aprendem treinando e competindo por clubes esportivos

16+17



+ DataSabin
O Sabin em números

18+19



+ Livre Expressão
Qual o equilíbrio possível entre globalização e cidadania?

20



+ Encantamento
Daniela Frigatto: uma vida pautada pelos valores da sustentabilidade

EXPEDIENTE

A Revista do Sabin é um órgão de comunicação dos Colégios Albert Sabin e AB Sabin.
Colégio Albert Sabin. Av. Darcy Reis, 1901, Parque dos Príncipes, São Paulo/SP – (11) 3712.0713 – www.albertsabin.com.br – Colégio AB Sabin. Av. Martin Luther King, 2.266/2.280, São Francisco, São Paulo/SP – (11) 3716.5666 – www.absabin.com.br – Mantenedores: Gisvaldo de Godói, Neusa A. Marques de Godói, Cristina Godói de Souza Lima
Direção pedagógica: Giselle Magnossão (Albert Sabin), Mônica Mazzo (AB Sabin) Direção administrativa: Fernando A. Mello Marketing: Adriana Vaccari Colaboradores: Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Merin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer, Mônica Mazzo Projeto e coordenação editorial: Bandeira 2 Comunicação Ltda. Jornalista responsável: Alexandre Bandeira (MTB 0049431/SP) Designer: Giovanna Angerami Textos: Alexandre Bandeira, Gerson Sintoni Fotografias: Rodrigo Jacob Revisão: Adriana Duarte, Denise Masson Produção gráfica: Ricardo Gomes Moisés Impressão: Ciagraph – 3.500 exemplares. Distribuição gratuita. 3º trimestre letivo 2019.



Felipe Fonseca,
diretor da consultoria Daquiprafora

“Estudar fora não é mais tabu”

EM UNIVERSIDADES DOS ESTADOS UNIDOS, CANADÁ E REINO UNIDO, O PASSE DO ESTUDANTE BRASILEIRO PARECE ESTAR VALORIZADO. ESSA É A CONSTATAÇÃO DO ADMINISTRADOR **FELIPE FONSECA**, DIRETOR DA CONSULTORIA EDUCACIONAL **DAQUIPRAFORA**, QUE ASSESSORA ALUNOS DO ENSINO MÉDIO NO BRASIL A SE CANDIDATAR A UMA VAGA EM UNIVERSIDADES NAQUELES PAÍSES E QUE DESDE O MEIO DO ANO VEM FAZENDO O MESMO POR ESTUDANTES DO SABIN (V. PÁG. 14). “POSSO DIZER QUE, EM QUASE 20 ANOS ENVOLVIDO NESSE RAMO, ESTE FOI O ANO EM QUE VI A MAIOR QUANTIDADE DE UNIVERSIDADES VINDO PARA O BRASIL PARTICIPAR DE FEIRAS, VISITAR COLÉGIOS E FAZER APRESENTAÇÕES PARA RECRUTAR ALUNOS”. O CURIOSO É QUE, SEGUNDO ELE, O INTERESSE É RECÍPROCO. NA ENTREVISTA A SEGUIR, FELIPE COMENTA RAZÕES GERACIONAIS E SOCIOECONÔMICAS QUE TÊM LEVADO CADA VEZ MAIS FAMÍLIAS BRASILEIRAS A BUSCAR UMA GRADUAÇÃO NO EXTERIOR PARA SEUS FILHOS, OS CUSTOS ENVOLVIDOS NESSE TIPO DE PROJETO E ALGUMAS DAS PRINCIPAIS DIFERENÇAS ENTRE OS PROCESSOS SELETIVOS E OS MODELOS DE ENSINO SUPERIOR NO BRASIL E NO EXTERIOR.

A procura de jovens brasileiros por graduações no exterior está crescendo? Por quê?

Certamente é uma tendência. Nos últimos dois anos, a quantidade de interessados cresceu muito, em todas as partes do Brasil, mas principalmente nas grandes cidades, como São Paulo e Rio. Os motivos são, primeiro, a disponibilidade de informações. O fato de ter mais jovens indo

estudar fora faz com que mais gente saiba do assunto, tenha referências de outras famílias com boas experiências. Além disso, a situação das universidades brasileiras, principalmente as públicas, tem desanimado muitos alunos. São bem nítidos os problemas pelos quais algumas de nossas principais universidades têm passado: problemas de orçamento, de deterioração da infraestrutura, de currículos de-

fasados. E outro aspecto que tem influenciado muito é que, nessa geração de pais que hoje têm filhos de 15, 16 anos, tem muita gente que já morou fora, seja estudando, seja trabalhando, já viajou muito. Estudar fora não é mais um tabu.

Estamos falando de famílias de que faixa de renda?

Para você ter uma referência, uma universidade americana vai custar aproximadamente uns 40 mil dólares por ano. Isso inclui a faculdade, a moradia, a alimentação e o seguro de saúde, que o estudante tem de ter. Tem algumas mais caras, outras menos, mas o custo fica nesse patamar. Isso sem nenhum tipo de bolsa. Com bolsa, esse custo pode cair para 15 ou 20 mil dólares anuais. E existem bolsas que podem cobrir até 90% ou até 100% do custo, mas são em pequena quantidade, e o estudante precisa ser fora de série para ter chances de obter uma bolsa dessas.

Quais os critérios para conseguir bolsas?

Podem ser critérios unicamente acadêmicos, como as notas do estudante no Ensino Médio, no SAT ou no ACT – duas provas que são como se fossem o Enem americano, que os alunos fazem aqui no Brasil mesmo. Existem bolsas esportivas, para atletas de nível muito competitivo. Existem bolsas para estudantes de música, teatro ou alguma outra área artística, que são oferecidas a partir da análise de portfólio. E há universidades que oferecem bolsas por necessidade financeira da família; avaliam uma série de documentos, como declaração de imposto de renda e outras fontes de informação, veem o que a família pode investir e cobrem o resto. Mas isso só nas principais universidades, e os alunos têm de ser de altíssimo nível.

As redações pedidas por essas universidades costumam ter temas inusitados, às vezes de caráter bem pessoal. O que as universidades esperam com isso?

Diferentemente dos vestibulares no Brasil, o processo seletivo das universidades americanas, canadenses e inglesas vai considerar o lado acadêmico, mas também quem é o estudante. Aqui, você é basicamente a nota que você tirou; quem você é como ser humano, suas habilidades e interesses não são levados em consideração. Lá, eles têm um processo holístico: a qualidade acadêmica está nas suas notas, e, para saber quem você é, eles usam as cartas de recomendação dos professores e sua redação, em que você

aborda as razões de ter escolhido aquele curso, experiências significativas que viveu, seus objetivos para o futuro... Isso cria a possibilidade de, qualquer que seja o tema, você dar uma abordagem muito única ao seu texto.

Não há o risco de o candidato “viajar na maionese”?

É muito grande. Por isso é importantíssimo que ele seja orientado. A *application* (“candidatura”) é como se fosse um quebra-cabeça, todas as peças têm de montar uma coisa só. Uma das palavras que mais uso é “coerência”. O que você fala na redação tem de estar relacionado com o que o professor vai falar, com o curso que você quer fazer, com as atividades que listou. Por isso é muito importante que o aluno tenha a ajuda de alguém com experiência nesse processo de montar o quebra-cabeça.

O candidato pode, então, receber ajuda antecipada para escrever suas redações?

Pode e deve. As universidades, inclusive, esperam que você busque suporte, porque isso demonstra que você sabe trabalhar em grupo, sabe ir atrás de recursos. Diferentemente dos nossos vestibulares, em que você faz uma redação ali sozinho, só descobre o tema na hora, lá você pode trabalhar nas redações durante semanas, fazendo revisões, pedindo ajuda no desenvolvimento das ideias. Elas esperam que você apresente o melhor material que puder.

Outra diferença diz respeito aos tals *majors* e *minors* das universidades lá fora. Explique o que é isso.

A maior diferença entre os modelos de Ensino Superior é que, aqui, você faz vestibular e conquista uma vaga em um curso específico. Nos Estados Unidos, você conquista uma vaga na universidade. Se você foi aprovado pensando em fazer Jornalismo, mas chegou lá e desenvolveu outros interesses, decidiu fazer Economia, você pode, porque sua vaga é na universidade, não atrelada ao curso. A partir daí, o *major* vai ser o seu curso principal, e o *minor* é como se fosse uma especialização. Para ter um *minor*, normalmente você precisa de cinco a oito matérias; como no currículo desses quatro anos você vai ter uma série de eletivas, você pode usar todas para conseguir a especialização. É um modelo muito rico, porque, como você já está na universidade, tem aquele cardápio de cursos de todas as áreas, para você ir montando a grade de acordo com o que está a fim de estudar.

Do campo à mesa

Agroecologia e sustentabilidade enriquecem projetos em torno das hortas do Sabin e do AB Sabin.

É preciso admitir: à primeira vista, a horta que fica no anexo do Sabin já foi mais bonita.

A assessora de Ciências Adriana Alonso, uma das responsáveis pelos projetos da Educação Infantil e do Fundamental I que envolvem o cultivo de legumes e verduras, ainda lembra de quando os canteiros eram mantidos bem organizados, um só com pés de alface, outro só com rabanetes, outro só com repolhos; a terra limpa de folhas secas e ervas daninhas. Até que vinham as lagartas e formigas, ou começava uma temporada de chuvas intensas, ou fazia dias de sol muito forte... e o que seria uma boa safra de alimentos ficava na promessa. “Tentávamos fazer com que cada série tivesse contato com a horta pelo menos duas vezes ao ano, uma para plantar e outra para colher”, diz Adriana. “Às vezes dava certo, às vezes não”.

Como explica a assessora, faltava ao projeto a aplicação de certos princípios agroecológicos, aos quais as professoras do Sabin e do AB Sabin seriam apresentadas em 2018 pela Reconnectta, assessoria em Educação e Sustentabilidade que vem ajudando os Colégios a aprimorar suas atividades pedagógicas, com base nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), da Organização das Nações Unidas (ONU). Faltava um maior entendimento de que, na natureza, a diversidade de espécies pode ser mais forte que monoculturas; de que mesmo plantas consideradas daninhas podem ter seu valor; e de que a real beleza de um

ecossistema, para quem sabe enxergar, está na qualidade das interações entre seus indivíduos.

Com a orientação da Reconnectta, os canteiros “bonitos” e “bem organizados” da horta deram lugar a pés de abóbora plantados ao lado de capuchinhas e chicórias, cenouras dividindo o espaço com alfaces e rabanetes, entre outras espécies de plantas, além de muita folha seca espalhada pelo solo – e, curiosamente, varetas enfiadas na terra, com cascas de ovo na ponta.

Há razões científicas para tudo isso, como se verá adiante. Mas o mais importante é que, desde então, não só a equipe vem obtendo sucesso em termos de produtividade agrícola, como a horta, que era um espaço onde os alunos aprendiam sobre a origem e o ciclo de vida das plantas, tornou-se algo ainda mais significativo: um microcosmo de relações saudáveis, com lições que podem ser extrapoladas para a vida em sociedade. Pelo olhar da sustentabilidade, projetos do Sabin e do AB Sabin sobre alimentos e alimentação saudável passaram a ter valor e alcance maiores do que nunca.

Há mais em jogo na escolha da comida que se põe num prato – ou numa lancheira escolar – do que apenas o paladar.

Como aprendem os alunos da professora Kátia Pelinson, do Pré I do AB Sabin, a decisão entre uma fruta ou uma bolacha recheada ou entre um suco natural ou de caixinha tem reflexos diretos na saúde de quem os come. E talvez até na saúde do planeta.

De acordo com Kátia, se, no Maternal, o Colégio ainda quer sensibilizar os alunos a experimentar alimentos diferentes – fomentando neles uma importante abertura a novos sabores, cores e texturas –, no Pré I, já é possível propor em classe a discussão da qualidade desses alimentos, do que seria (ou não) alimentação saudável. “O projeto parte da observação do que eles trazem nas lancheiras para a reflexão sobre a origem dos alimentos”, diz a professora. “O suco não vem da caixinha, vem da fruta; a fruta não vem do supermercado, vem da terra. Quem plantou? Como foi isso?”

Além de fazê-los ver a diferença entre alimentos naturais e processados – e compreender que estes últimos, embora gostosos, não são “comida de todo dia”, como arroz e feijão –, essas discussões evidenciam para os alunos uma ligação que não é, a princípio, evidente, entre o que eles comem e o ambiente em que vivem. O primeiro passo para entenderem que, de certa forma, cuidar de um é cuidar do outro.

É a oportunidade de apresentar à classe a horta do AB Sabin, mas também de falar – em linguagem adequada à faixa etária – de consumismo, desperdício, consciência ambiental e hábitos que podem fazer bem ao planeta. Como, por exemplo, a manutenção da composteira do Colégio, que a turma aprende cedo a utilizar, depositando restos de lanches (ou do almoço, no caso da turma do Integral). “Eles já sabem que as minhocas não gostam de coisas cítricas, como cascas de laranja, mas gostam de mamão, de cenoura, etc.”, diz Suzy Vieira, coordenadora pedagógica do AB Sabin.

Segundo Suzy, uma das principais qualidades do trabalho com a horta e a composteira é o valor da coletividade. Nenhuma turma é dona desses projetos; todos contribuem para a composteira, todos regam a horta. “Sempre escolhemos um

aluno ajudante do dia, que fica responsável pela rega; e ele escolhe dois amigos para ir junto”, diz a coordenadora.

Além disso, a horta em si pode representar uma metáfora perfeita para o valor da amizade e da cooperação. É onde entram os princípios de agroecologia recém-aprendidos pelas equipes do Sabin e do AB Sabin, que agora os repassam para os alunos. “A Reconnectta nos ensinou que existem plantas companheiras e antagonicas. Abóboras se dão bem com pés de milho, mas não com brócolis ou couve-flor, por exemplo”, diz Adriana Alonso.

A assessora de Ciências enumera diversas outras lições aprendidas pela equipe: plantas altas de folhas largas protegem as mais rasteiras do sol forte; folhas secas protegem o solo do impacto das chuvas, preservando a umidade e os nutrientes por mais tempo; grãos como feijão, milho ou grão-de-bico, colhidos e deixados no solo no início do cultivo, servem como “adubo verde” para outras culturas; e mesmo plantas daninhas têm função na lavoura. “Algumas ervas são Pancs – plantas alimentícias não convencionais –, e até as que não são servem para sinalizar problemas, como a falta de nutrientes no solo. Se dá um tipo de mato, deve estar faltando nitrogênio, por exemplo”, explica Adriana.

Quanto às pragas, há soluções que se encontram na própria natureza (e na engenhosidade humana): para afastar formigas, planta-se gergelim. Para evitar lagartas, cascas de ovo espalhadas pela horta afastam as mariposas, que “creem” estar em terreno de aves predadoras.

No fundo, o que a agroecologia mostra é como, cultivadas as devidas relações, uma espécie traz benefícios para outra, como as competências de ambas se complementam para resultar em um ecossistema mais rico, mais saudável e, sim, mais belo. Que é a lição mais importante de todas.

Colher, comer, descartar na composteira: no Sabin (fotos 1, 4, 5 e 6) e no AB Sabin (2 e 3), alunos aprendem que os hábitos alimentares e o meio ambiente estão relacionados.



NINHA C ERAUMA
 GUIBODA CONHECIMENTO
 SALEDAMB CIMO CANITOSAU
 MOCADE U COMUNODADO
 HURETAPENDACULTURADIGITAL
 PE SULA I LOREMIPSUM
 SUA GU EMPATIA
 GESTAO AUDADO CULP
 SULA I LOREMIPSUM
 COMUNODADO
 DA OBCIMO CANITOSAU



Ana Carolina Moura Ribeiro,
aluna do 5º ano F.

Competências à mostra

Mostra Cultural evidencia como, por meio de diferentes conteúdos, os alunos consolidam competências essenciais ao longo da vida escolar.

Talvez alguns pais se identifiquem. Você tem filhos em idade escolar, quer manter-se informado sobre o que eles estão aprendendo, demonstrar interesse, conversar sobre a última aula que tiveram de Matemática, ou de Ciências, ou de História. Mas, então, percebe que já não se lembra do que significam, exatamente, as siglas MMC e MDC. É incapaz de citar mais do que dois ou três biomas, ou apontar no globo onde haveria taigas, tundras, estepes. Não consegue dizer o nome de nenhum

dos representantes de certa escola artística, as obras que criaram ou como foram influenciados por sua época. De repente, você se pergunta para que, mesmo, seus filhos estão estudando tudo aquilo.

Se havia pais de alunos do Sabin que ainda pensavam assim, é possível que a Mostra Cultural, realizada no sábado, 26 de outubro, tenha ajudado a dissipar a dúvida.

Mais do que expor os conteúdos aprendidos pelos alunos – embora eles estivessem expostos, em grande di-

versidade –, a mais recente edição da Mostra Cultural foi planejada para jogar luz, principalmente, nas competências trabalhadas por meio desses conteúdos. Competências que, desde dezembro de 2017, são consideradas “direitos de aprendizagem” de todo estudante da Educação Básica no Brasil, definidos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), e cuja aplicação para a vida dos filhos nenhum pai ou mãe poderia duvidar.

Não é preciso, afinal, lembrar de todas as lições dos tempos de escola para apreciar como a Matific, plataforma *on-line* de jogos educativos matemáticos, utilizada no 4º e 5º anos do Sabin, ajuda a construir não só o conhecimento dos alunos, mas também sua cultura digital. Ou como o estudo de artistas modernistas, como Tarsila do Amaral, enriquece o senso estético e o repertório cultural das turmas de 3º ano.

Segundo Dionéia Menin, coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Fundamental I, as competências gerais definidas pela BNCC sempre foram trabalhadas no dia a dia do Sabin, mesmo que os pais nem sempre percebam como elas estão relacionadas às aulas e atividades dos filhos. “Todo dia estamos falando de reciclagem com eles, ou da diversidade cultural de São Paulo e do País, ou estamos exercitando linguagens variadas...”, diz Dionéia. “E em tudo isso, para além do conteúdo específico das disciplinas, tem um trabalho de ampliação do conhecimento, do pensamento científico, da empatia, da capacidade comunicativa e das demais competências”. O que a coordenadora e sua equipe fizeram na Mostra deste ano foi aproveitar a oportunidade para evidenciar para os pais o que já era claro para elas.

Logo na chegada, um folder entregue ao público trazia na capa a intenção da Mostra: “Competências Gerais da Base Nacional Comum Curricular. Um convite à apreciação”. Distribuídos por todo o ginásio do 4º andar do Prédio Picasso, os estandes haviam sido organizados de uma forma que induzia os visitantes a explorar o espaço, mas ficando atentos a um detalhe: selos e *banners* indicariam com quais das competências da BNCC cada trabalho em exposição mais se relacionava (para efeito de simplificação do evento, a equipe optou por compilar as dez competências listadas no documento oficial em seis).

Os visitantes eram informados, por exemplo, que estandes com o selo Autonomia e Responsabilidade tra-

riam trabalhos que buscavam inspirar ações pessoais e coletivas, baseadas em princípios éticos, democráticos, sustentáveis e solidários. Assim, num mesmo canto do ginásio, estavam expostos um trabalho do Pré I com texturas diversas, representativas dos diferentes tipos de revestimento do corpo dos animais; outro, do 2º ano, sobre animais em extinção; um do 1º ano sobre biomas brasileiros; e mais um, do 3º ano, sobre a vida em ambientes extremos, como desertos e geleiras. Todos, em suma, experiências pensadas para avivar nos alunos – e no público – o senso de responsabilidade para com o planeta e sua preservação.

“A ideia foi mostrar para os pais o sentido do nosso projeto pedagógico, tendo como fios condutores as competências que os alunos vão desenvolvendo ao longo das séries”, diz Karla Ramos, assessora de Língua Portuguesa e orientadora educacional.

Segundo Karla, a organização temática de um evento como a Mostra não significa dizer que cada atividade escolar só promove apenas uma das competências esperadas (que, naturalmente, não andam separadas uma da outra). Como exemplo, o trabalho de uma turma de 2º ano, embora tratasse explicitamente de descarte do lixo – suscitando novamente a questão da responsabilidade –, estava marcado com o selo Comunicação e Argumentação, que, como explica a assessora, remetia à competência de utilizar diversas linguagens – verbal, verbo-visual, corporal e artística – para expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos.

“Era um painel artístico, confeccionado com material reciclado, como copinhos, tampas, embalagens Tetra Pak, algumas frases de impacto e um convite para que o público interagisse com a instalação, em várias posições”, diz Karla. Ao lado deste, trabalhos do 4º e do 5º anos traziam, respectivamente, livretos de cordel e um cardápio de indicações literárias – mais evidências de como, com conteúdos distintos, os trabalhos expunham uma mesma habilidade dos alunos, a de se comunicar.

“O que mais agradou aos pais foi justamente isso”, diz Dionéia Menin. “A Mostra deixou claro como todas as nossas ações e projetos fazem parte de um todo, como temas diferentes podem levar a reflexões parecidas, promovendo as competências e habilidades necessárias para que o cidadão esteja preparado para lidar com o mundo”, diz a coordenadora.



Extra! Extra! Gustavo Ribeiro e Gabriel de Jesus foram encarregados de anunciar os manifestos dos alunos do 7º ano durante a Mostra Cultural.

Dignidade de expressão

Programa de Produção de Texto ensina alunos a ter e a defender as próprias ideias.

No último sábado de outubro, entre estandes com trabalhos artísticos, demonstrações de projetos científicos, livros à venda e outras atrações da Mostra Cultural Sabin, vez por outra a atenção dos visitantes era atraída por vezes um pouco mais elevadas, vindas do pátio principal do Colégio, proferindo discursos. Declamando poemas. Entoando canções de protesto.

Ora um grupo de alunas bradava contra o machismo e o feminicídio, ora outro grupo denunciava violações de direitos de refugiados. Aqui, uma equipe condenava a desigualdade social e a fome, com citações poéticas: “Vi ontem um bicho/ Na imundície do pátio/ Catando comida entre os detritos [...] O bicho, meu Deus, era um homem” (*O bicho*, Manuel Bandeira). Ali, outra equipe clamava por mais acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência.

Os temas eram diversos, mas a origem de tais intervenções era a mesma: um projeto concebido pela equipe de Língua Portuguesa, que neste ano determinou como foco das aulas de Produção de Texto do 6º ao 9º ano a produção de manifestos. Como gênero textual, embora possa assumir formas variadas (cartas abertas, cartazes, leituras públicas, canções, dramatizações, etc.), o manifesto tem sempre uma natureza argumentativa, a função de sensibi-

lizar e convencer alguém do valor de uma ideia. Até por isso, mais do que falar em público, o objetivo do projeto foi exercitar nos alunos uma competência que, segundo Denise Masson, assessora do Departamento de Língua Portuguesa, vem se tornando rara: a de ter – e defender – opiniões próprias sobre problemas da realidade, com base em fatos e bons argumentos.

“As novas gerações estão perdendo a capacidade de posicionamento autônomo. Elas têm acesso a mais informações do que nunca, mas preferem consumir um conteúdo voltado ao entretenimento, limitam-se a repetir os tais ‘influenciadores’, e isso gera um esvaziamento argumentativo”, diz a assessora. Segundo ela, o Colégio tem como missão “entregar cidadãos” – e cidadãos, no sentido mais rico do termo, são pessoas que se posicionam de maneira informada, têm não apenas liberdade de expressão, mas, nas palavras de Denise, “dignidade de expressão”.

A Mostra Cultural serviu, assim, de oportunidade para os alunos demonstrarem um pouco de sua capacidade de persuasão do público em favor de causas sociais – todas ligadas aos Direitos Humanos, tema que o Colégio tem adotado como norte de vários projetos. De certa forma, porém, a Mostra foi apenas a culminância de um movimento que vem de anos antes, quando o Sabin, com De-

nise à frente, reestruturou os objetivos e parâmetros do programa de Produção de Texto do Fundamental II e do Ensino Médio, com resultados que até hoje se fazem notar.

“Há cerca de cinco anos, implementamos um novo programa de Produção de Texto no Sabin, e muita coisa mudou”, diz Laércio Carrer, coordenador pedagógico do Ensino Fundamental II. Segundo Laércio, o Colégio buscou ressaltar o valor da leitura e da interpretação de textos como base da boa escrita, cuja qualidade – também foi preciso enfatizar – não dependeria da inclinação natural de ninguém, mas de técnica e treino. “Mudou a concepção que havia entre os alunos e as famílias de que escrever bem seria questão de talento e criatividade”.

“Fizemos várias reuniões com os pais para reafirmar isso”, recorda-se Denise. “O elemento artístico é menos importante – ele existe, claro, é de cada um, mas não estamos avaliando criatividade, e sim capacidade de expressão, que tem a ver com vocabulário e estrutura linguística”. Trata-se de um conjunto de conhecimentos que, como coloca Laércio, “pressupõe bons modelos, leituras variadas. E, principalmente, visão de mundo profunda e muita reflexão do aluno sobre o que ele escreve”.

Esse ponto é essencial porque toda técnica tem de estar a serviço do que se quer dizer. É um dos motivos pelos quais a equipe elaborou um programa mais focado no que os educadores chamam de tipologias do texto – narrativo, descritivo, argumentativo, etc. – do que nos chamados gêneros textuais – romance, conto, crônica, notícia, etc. De maneira simplificada, uma coisa é a função que o texto desempenha, outra é a forma que ele assume. E, para a assessora, faz sentido privilegiar a primeira, até porque um mesmo texto, seja de qual gênero for, pode cumprir várias funções, ora recorrendo a descrições, ora a narrativas, no conjunto, servindo como defesa de alguma posição do autor. “Se o aluno aprende a criar boas descrições, a narrar bem, a pensar em argumentos, é mais fácil depois ele adaptar essas técnicas à estrutura de um conto, ou de um poema, por exemplo”.

É assim que, do 6º ano em diante, os alunos adotam esse olhar para os textos que produzem. E como se faz isso? “Exercício. Muito exercício”, diz a assessora. “Tamanho não importa tanto, às vezes são só parágrafos; conte o que aconteceu numa viagem; descreva o que ganhou de presente”.

À medida que avançam no Fundamental II, porém, fica clara a ênfase crescente na tipologia argumentativa. Dos contos mais simples a relatos verídicos, a notícias sobre acontecimentos políticos atuais ou resenhas críticas, os

alunos passam a analisar – e produzir – textos que incitam o engajamento e a tomada de posição do leitor. No fim do 9º ano, os alunos já estão produzindo seus primeiros textos dissertativos-argumentativos, cuja estrutura formal eles exercitarão com mais afincamento e complexidade no Ensino Médio, como preparação para as redações do Enem e vestibulares, bem como para os textos que produzirão em sua futura vida acadêmica e profissional. Mas o fundamental é que eles já terão percebido a importância de formular bem suas ideias e convencer as pessoas delas.

“Houve um avanço enorme da construção argumentativa desses meninos. Antes, tínhamos alunos que chegavam ao 9º ano ainda muito inocentes; hoje, eles já produzem documentários sobre Direitos Humanos”, diz Denise (no caso do 9º ano, aliás, os documentários foram seus manifestos). “E documentários nos quais eles entrevistaram, presencialmente, fontes que tivessem ligação real com o tema, não ‘famosos de internet’”.

Como mais um efeito positivo, ela nota como o trabalho fomentou nos alunos uma capacidade de discernimento de fontes confiáveis: “Nós os vemos comentando nos corredores que leram algo na página da ONU, ou assistiram a um vídeo da Unesco no YouTube”, diz a assessora, com orgulho.



No Fundamental II, alunos aprendem que o direito à opinião vem acompanhado do dever de basear a opinião em fatos e bons argumentos.

Maratonas do saber

Com adesão crescente de alunos, olimpíadas acadêmicas têm muito mais a oferecer do que medalhas.

No início de junho, um e-mail do professor Marcelo Resende à Direção e aos coordenadores e assessores de Matemática do Sabin anunciava a boa notícia: os resultados da Olimpíada Canguru de Matemática 2019 haviam chegado. Desde 2013, quando o Colégio passou a inscrever alunos nesta que é a maior competição do gênero no mundo (só no Brasil são mais de 2 mil escolas e 300 mil estudantes), o saldo nunca tinha sido tão positivo. Foram 20 medalhas de ouro, 56 de prata, 73 de bronze e 96 menções honrosas, distribuídas entre alunos do 3º ano do Fundamental à 3ª série do Ensino Médio.

“Foi nosso melhor ano até hoje”, comemorou Marcelo, que, além de dar aulas de Química, tem o cargo de assessorar os alunos nas diversas olimpíadas acadêmicas das quais o Colégio participa. Um trabalho que demanda cada vez mais do professor, já que, assim como as medalhas, a adesão dos estudantes a tais eventos tem aumentado consistentemente. E tem tudo para crescer ainda mais.

Tradição no Sabin, que desde o início estimula a participação nessas competições – principalmente a partir do Fundamental II, quando começam a ser oferecidos os

módulos preparatórios extracurriculares –, as olimpíadas acadêmicas são eventos que mobilizam a escola. Só na Canguru, por exemplo, tomaram parte 1.304 alunos. Tal envolvimento não se explica, contudo, apenas pela chance de ser reconhecido com medalhas; cada vez mais, os estudantes e suas famílias entendem que, além de exercitar e pôr à prova seus conhecimentos – em Matemática, Física, Química, História e até em Neurociência –, competir em olimpíadas traz muitos outros benefícios.

Maria Isabel Fragoso, professora e assessora de História, garante que todo o processo é um poderoso indutor para o amadurecimento dos alunos. Bel foi um dos três docentes que acompanharam duas equipes de alunas do Ensino Médio, em agosto, até a final da Olimpíada Nacional de História do Brasil (ONHB), no campus da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas), outra conquista recente do Sabin.

Verdadeira maratona iniciada meses antes, a competição consistiu de seis fases *on-line*, com provas que traziam questões complexas sobre a história do País, exigindo dos participantes muita pesquisa e capacidade de diálogo. “As provas são bem interessantes, não há alternativas erradas exatamente, mas é preciso escolher a mais correta. Então,

os alunos precisam apresentar argumentos teóricos para sustentar suas posições”, lembra Bel. “Além disso, é preciso acessar um conteúdo multidisciplinar, pois as questões envolvem conhecimentos de Língua Portuguesa, Filosofia, Geografia, História, Sociologia, temas ambientais, entre outros”.

Tendo contado inicialmente com a participação de 63 alunos, divididos em 21 equipes, o Sabin terminou conseguindo emplacar duas equipes na fase final da ONHB, em Campinas, de onde voltaram com duas medalhas



Alunos do Sabin exibem suas conquistas na Olimpíada Nacional em História do Brasil, na Olimpíada Brasileira de Física e na Olimpíada Brasileira de Astronomia e Astronáutica.



de ouro. Detalhe: foram duas das únicas três medalhas de ouro entregues a equipes do Estado de São Paulo.

Professor e assessor de Física, Jackson Neo Padilha lembra, também, que as olimpíadas proporcionam, na maioria das vezes, contato com conteúdos e formas de estudo aos quais os alunos só teriam acesso mais adiante, na faculdade. “A Olimpíada Brasileira de Física, por exemplo, exige conteúdos que não fazem parte de um currículo padrão de Ensino Médio, como algumas práticas de laboratório e de experimentação científica, cálculo de desvio de padrão, etc.”, explica o professor.

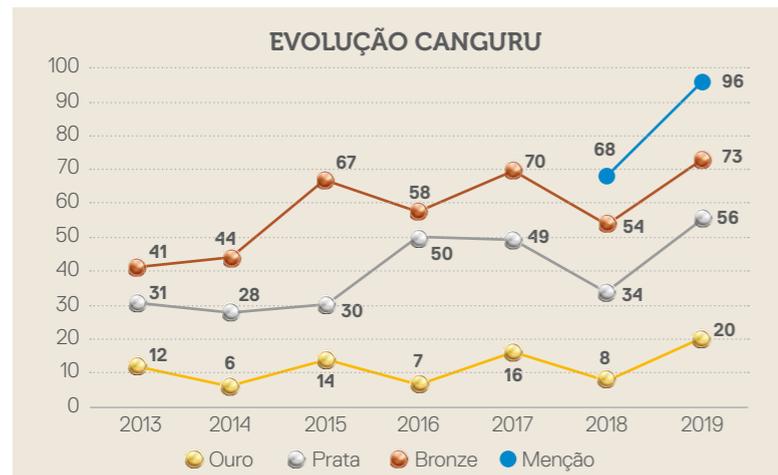
Essa aproximação com o Ensino Superior ajuda, ainda, a clarear os caminhos e a nortear as decisões de quem está às vésperas de escolher o futuro profissional. “Às vezes, o aluno não está interessado em um tipo de conteúdo, mas o contato durante uma olimpíada acaba despertando o seu interesse”, diz Marcelo Resende.

Foi o caso de Larissa Sibuya, aluna da 3ª série B, que participou da Olimpíada Brasileira de Neurociências (foi a segunda vez que alunos do Sabin disputaram). Ligado ao Hospital Albert Einstein, o evento aconteceu em dois sábados, no início do ano: um ciclo de palestras no primeiro, e a prova no seguinte. Ela lembra que relutou até aceitar o convite dos colegas para participar da competição, pois pouco sabia sobre a matéria. “Resolvi participar sem saber o que esperar das palestras”, recorda. “E tanta coisa interessante e surpreendente foi tratada ali que a experiência me fez repensar sobre a carreira que gostaria de seguir”. A oportunidade também foi definitiva para Helen Saori, colega de Larissa.

“O concurso me ajudou a ter certeza de que, no futuro, serei uma neuropsicóloga”, diz Helen.

Também presentes na Olimpíada de Neurociências, William Liaw e Rubem Alves de Souza Filho, ambos da 3ª série D, concordam que a experiência de participar das competições transformou sua formação durante o Ensino Fundamental e Médio. “As olimpíadas são uma fonte riquíssima de oportunidades de desenvolvimento pessoal”, garante William. “O mais importante é que me fizeram entender a importância do estudo. Até começar a participar delas, a escola representava um espaço para fazer amigos e cumprir obrigações chatas. Devo meu desempenho escolar às olimpíadas”, reconhece Rubem.

Como se não bastasse, recentemente mais um ótimo motivo foi anunciado para os alunos colocarem as olimpíadas acadêmicas no seu radar: a partir deste ano, também a Universidade de São Paulo (como já havia feito a Unicamp em 2018) passou a reservar vagas em alguns cursos – a maioria vinculados às Ciências Exatas e às Engenharias, mas não só – aos medalhistas de olimpíadas nacionais e internacionais. Trata-se de uma nova forma de ingresso a uma das mais disputadas universidades brasileiras, sem a necessidade de passar pelo filtro do vestibular ou do Enem. Neste primeiro ano, a USP está oferecendo 113 vagas em 60 cursos. Mas não será surpresa se, nos próximos anos, também esse número crescer. Aliás, pouco antes do fechamento desta edição, a Unesp (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho) também lançou o seu novo programa de ingresso para medalhistas em olimpíadas acadêmicas.



Caminho suave

Novo serviço do Departamento de Inglês ajuda alunos no processo de seleção a universidades no exterior.

Cursar uma universidade no exterior é uma opção que seduz um número cada vez maior de estudantes. Além da experiência pessoal de construir o próprio caminho, longe da rede de proteção familiar, há um leque de possibilidades profissionais que se abre para quem se dispõe a uma graduação fora do País. Recentemente, esse movimento, que sempre ocorreu entre alunos do Ensino Médio do Sabin, tem se intensificado. “Se antes a demanda era de um aluno por ano, até este setembro já contávamos com cinco candidatos”, diz Simone Magalhães, assessora do Departamento de Inglês. Foi o aumento significativo de interessados que levou a Direção do Sabin a criar a Assessoria de Graduação no Exterior (AGE).

O novo serviço soma-se ao prestado pela consultoria DaquiPrafora, especializada nos processos seletivos de universidades dos Estados Unidos, Canadá e Reino Unido, que firmou uma parceria com o Sabin na metade deste ano. Segundo Denise Araújo, coordenadora do Inglês, enquanto o Departamento passou a oferecer plantões quinzenais de um profissional da DaquiPrafora, que vem ao Colégio atender às famílias interessadas, a AGE dá o apoio na obtenção da documentação necessária para o processo de seleção, como cartas de recomendação, boletins e outros itens.

Esse auxílio já era prestado de maneira informal pelo Colégio a quem buscava uma vaga fora do Brasil. Quando, no final do ano passado, Clara Zioli decidiu tentar um curso superior nos Estados Unidos, sua mãe, Carla, lembra do empenho e da disponibilidade da coordenadora do Ensino Médio, Áurea Bazzi, para a obtenção das cartas

de apresentação. “Ela foi muito prestativa”, recorda. Clara conseguiu uma vaga na Grinnell College, em Iowa, onde cursa Liberal Arts (área multidisciplinar, para a formação de uma base geral de conhecimentos).

A ideia, agora, é que tais ajudas passem a ser centralizadas na AGE, de forma mais estruturada. E não apenas na obtenção dos documentos exigidos, como as cartas de recomendação, mas na formatação ideal desses documentos – os protocolos formais dessas cartas, o tipo de conteúdo mais relevante para aumentar as chances dos alunos, a tradução dos textos dos professores que não dominarem o Inglês, etc. De acordo com Simone Magalhães, cartas que mostram um aluno participante de atividades sociais, de programas extracurriculares, de esportes e olimpíadas acadêmicas, por exemplo, têm um peso decisivo na obtenção de vagas. “Tais atividades podem valer até mais do que um ótimo boletim. As universidades estrangeiras prezam estudantes com habilidades socioemocionais desenvolvidas, como engajamento, empatia”, diz a assessora.

Simone, já atuando sob a estrutura da AGE, foi de grande ajuda à aluna da 3ª série Cibele Beltrame, que concorre a uma vaga para estudar Fashion Design nos Estados Unidos. “Tenho interesse na área do figurinismo, e o maior mercado, assim como as melhores escolas, estão lá”, explica Cibele, que sempre acalentou o sonho de estudar fora. Com a ajuda da AGE – e com um empurrãozinho da sorte, já que seu pai recebeu uma proposta de emprego nos EUA –, a aluna deve se mudar em breve com a família. Se tudo der certo, com vaga garantida em uma universidade.



Fotos da ex-aluna Clara Zioli, hoje estudante da Grinnell College, em Iowa, EUA.



Vida de atleta

Alunos contam o que aprendem competindo por clubes esportivos.

“Às vezes, é um inferno”, reconhece Pedro Oliveira, aluno do 9º ano do Ensino Fundamental. “É, você tem de gostar muito, porque são seis dias por semana, três horas por dia, não pode faltar”, concorda Lucas Meneghetti, da 1ª série do Médio. Aluna do 7º ano, Anna Nakashima também admite: “Tem horas que eu penso: ‘Por que estou fazendo isso? Por que não vou embora?’”

E, no entanto, nem Pedro, nem Lucas, nem Anna cogitam seriamente largar os esportes aos quais se dedicam; a Natação, no caso dos rapazes, que fazem parte da equipe do Sesi-SP, e o Vôlei, no caso de Anna, que joga pela Associação Desportiva Classista Bradesco. Para esses e outros alunos do Sabin que integram as equipes titulares de clubes estaduais, a paixão pelo esporte acaba sempre falando mais alto que a dura rotina de treinos e competições. Ou melhor: uma impulsiona a outra.

É uma lição que vale para qualquer pessoa, mas que, para atletas, mostra-se ainda mais evidente: as conquistas mais prazerosas vêm acompanhadas de muito esforço e sacrifício. “Ser atleta é isso, é deixar umas coisas de lado para treinar, para não deixar seu time na mão”, diz Livia Falbo, colega de Anna no 7º ano do Sabin e no Vôlei do Bradesco (embora em categorias diferentes, por questão da idade). Para elas, festas com amigos e programas familiares são descartados, se necessário, em nome da satisfação de pisar em quadra sabendo-se preparadas e marcar um ponto decisivo. “É uma emoção tão grande que não dá para trocar por nada”, diz Livia.

“Se você não vai à festa dos amigos, fica triste, óbvio”, diz Felipe Gabriel Haddad,

do 8º ano, que joga Basquete no Sabin e no São Paulo Futebol Clube. “Mas, se você for à festa e depois perder um jogo, o peso é bem maior. Você fica dias pensando: ‘Eu podia ter treinado’”.

Mas o senso de responsabilidade não é o único traço de um atleta. Como lembra Lucas Meneghetti, o equilíbrio emocional e a resiliência também saem fortalecidos das quadras. Ou, no seu caso, das piscinas. “Às vezes você treina o semestre inteiro e acontece algo que faz você não chegar ao objetivo; é uma sensação horrível”, diz o jovem. “Mas aí você aprende a lidar com isso. Se nadou uma prova mal, tem outras pela frente”. Companheiro de Lucas no Sesi-SP, Pedro define: “Atleta é aquele que, quando é derubado, consegue se levantar o mais rápido possível”.

É também, segundo Pedro, aquele que ajuda o companheiro a se levantar. “Mesmo na Natação, não tem isso de ‘o cara’; tem ‘a equipe’. Você chora com os amigos se nadou mal e comemora com eles se o clube vence”, diz o nadador, que viu seu círculo de amizades se expandir graças às competições. “Tenho amigos de Franca, São José do Rio Preto, Argentina”.

Ampliam-se as amizades e a visão de mundo, como nota Lucas Altafini, do 7º ano, que joga Vôlei pelo Centro Olímpico da Prefeitura de São Paulo. “Onde eu treino, tem muitas pessoas de classe mais baixa, e isso ajuda a quebrar preconceitos. A entender que todo mundo é igual, todo mundo quer fazer o que ama”, diz Lucas, que – assim como o outro Lucas, Pedro, Anna, Livia e Felipe – também ama o esporte, sonha em se tornar atleta profissional e está disposto a dar duro por isso.



Pedro Oliveira, Anna Nakashima, Livia Falbo e Lucas Altafini: atletas no Sabin e nos clubes em que atuam.

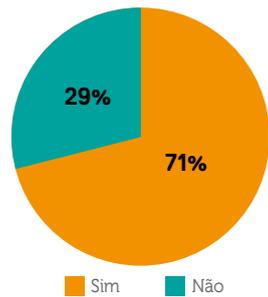
Saber falar e saber ouvir

Pais de alunos comentam os canais de comunicação dos Colégios com as famílias.

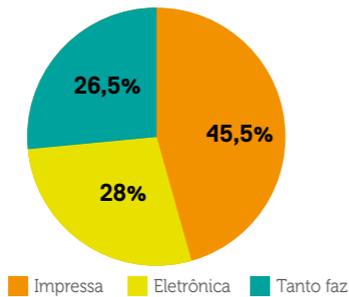
É uma certeza que reafirmamos todos os dias, há mais de 25 anos: o sucesso do nosso projeto pedagógico depende do encantamento e do engajamento das famílias. Para cumprir tal objetivo, desde o primeiro ano letivo, o Sabin (e mais adiante o AB Sabin) estabelece canais de comunicação por meio dos quais mantemos pais e mães informados sobre rotinas e atividades diárias dos filhos, bem como buscamos divulgar e explicar a filosofia, os princípios e valores em que nos baseamos, além dos projetos e conquistas dos nossos

alunos, como forma de cultivar essa parceria. Tão importante quanto falarmos, porém, é ouvirmos o que as famílias têm a dizer. Pensando nisso, em outubro realizamos uma pesquisa com pais e mães de alunos para avaliar os níveis de satisfação e interesse com que nossas iniciativas têm sido recebidas. Embora o resultado já tenha nos deixado bastante orgulhosos, entre elogios, críticas e sugestões recebidos, há sempre espaço para melhorar. E o mais importante é seguirmos contando com a confiança de todos de que o faremos.

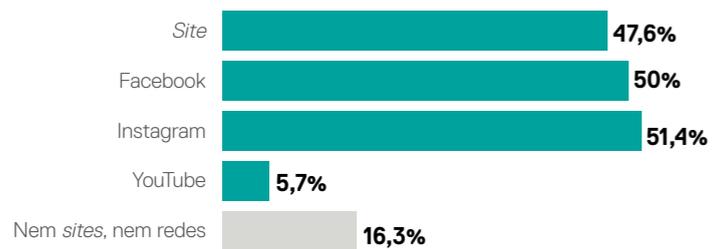
VOCÊ OU ALGUÉM DA SUA FAMÍLIA COSTUMA LER A REVISTA DO SABIN?



VOCÊS PREFEREM LER A REVISTA DO SABIN EM VERSÃO IMPRESSA OU ELETRÔNICA?

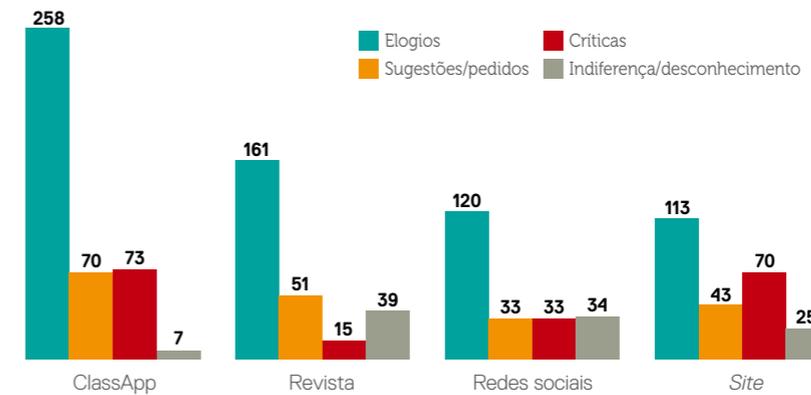


VOCÊ OU ALGUÉM DA SUA FAMÍLIA VISITA NOSSOS SITES OU REDES SOCIAIS?



Adriana Vaccari, gerente de Comunicação e Mkt: “Uma demanda comum entre os pais é a de ver fotos de seus filhos em nossas redes sociais. Entendemos essa demanda como positiva – eles reconhecem a validade das redes para a celebração dos alunos e querem ver os filhos contemplados – e teremos cuidado extra na curadoria das fotos para incluir maior número de alunos. É importante ponderar, contudo, que as redes são principalmente meios de divulgação dos nossos projetos: na maioria das vezes, alunos e turmas retratados estão lá representando todos os demais.”

OPINIÃO DE PAIS SOBRE OS CANAIS DE COMUNICAÇÃO COM AS FAMÍLIAS

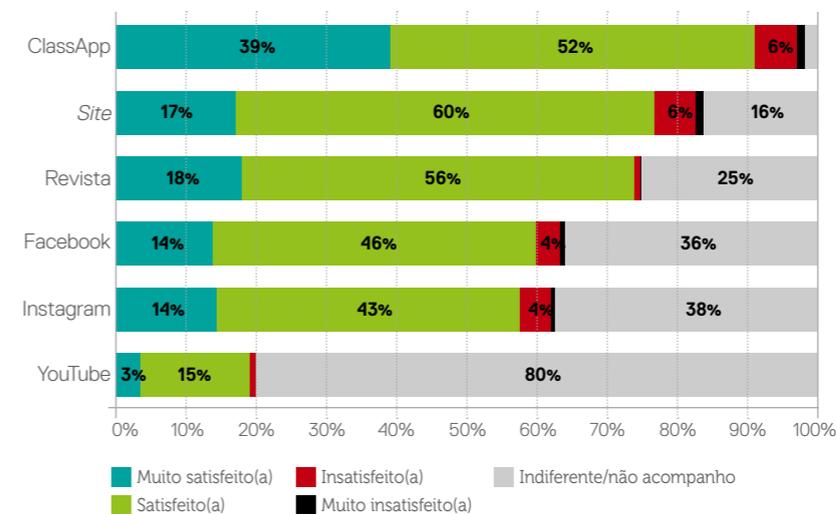


Alguns *feedbacks* foram contabilizados em mais de uma categoria. Exs.: “Acho ótimo, deviam concentrar tudo no app! Notas, informações, recados, conteúdos de provas” (Elogio & Pedido sobre ClassApp); “o site ficou bem bonito [...] o calendário do ano passado era mais fácil de consultar” (Elogio & Crítica sobre o Site).

Adriana Vaccari: “Percebemos que o aplicativo ClassApp tem se prestado muito bem como canal de diálogo entre pais e escola, da Educação Infantil ao Fundamental II, mas que, a partir do Ensino Médio, ele passa a conectar, principalmente, os alunos à escola. Reflexo do ganho de autonomia que esperamos que eles adquiram sobre sua vida escolar, o que mostra um alinhamento do projeto pedagógico também com o Depto. de Comunicação”.

Bia Azevedo, sócia diretora da Marqueterie Comunicação: “O objetivo das redes sociais é apresentar as principais atividades realizadas nos Colégios, os conceitos pedagógicos envolvidos, bem como a infraestrutura oferecida, sempre com uma linguagem informal, porém informativa. No Instagram, principalmente nos *stories*, exploramos ainda mais o *factual*, aproximando ao máximo os pais do dia a dia dos alunos”.

QUAL O SEU GRAU DE SATISFAÇÃO COM NOSSOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO COM AS FAMÍLIAS?



Adriana Vaccari: “Fazemos uma distinção importante: existem canais de comunicação institucional que servem, sobretudo, para divulgar nossos valores, nossos projetos, as conquistas e realizações de alunos para um público geral – um conteúdo que nos enche de orgulho (e, esperamos, também os pais). É o caso dos *sites*, da revista e das redes sociais. E há canais de comunicação direta com as famílias, sobre assuntos internos, específicos de cada turma ou cada aluno (*e-mails*, ClassApp e a área Sabinet do *site*)”.

José Alaor de Oliveira Jr., coord. de TI: “Atendendo a uma demanda de grande parte dos pais, estamos buscando soluções para facilitar a comunicação direta com as famílias de forma centralizada”.

1994

2006

2011

2012

2015

2016

2017

2018

2019

REVISTA DO SABIN

SITE SABIN

FACEBOOK SABIN

CIRCULARES ELETRÔNICAS

CLASSAPP

FACEBOOK AB SABIN

INSTAGRAM AB SABIN

INSTAGRAM SABIN

SITE AB SABIN

Globalização: liberdade ou recolonização?

O mundo, cada vez mais interconectado, encontra-se perante a intensificação de uma velha problemática: conciliar o avanço da globalização com a soberania dos Estados nacionais. Por um lado, a soberania de uma nação pode assumir papel mediador da globalização ao impedir a dominação política de países em desenvolvimento por agentes externos. Entretanto, desafios de caráter global, principalmente relacionados ao descumprimento de direitos listados na Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), requerem uma abordagem diferente daquelas empregadas para solucionar questões regionais. O desrespeito à Declaração por parte de um Estado desqualifica suas instituições para elaborar resoluções, em decorrência da quebra de compromisso com a legislação internacional. Logo, a comunidade global deve intervir em um país somente se a questão em pauta for diretamente relacionada

à garantia dos Direitos Humanos, ao passo que sua soberania deve ser garantida no campo econômico e político.

Primeiramente, os Direitos Humanos são supranacionais e, conseqüentemente, independem da legislação local e dos interesses do governante. A Organização das Nações Unidas (ONU), órgão responsável pela fiscalização do cumprimento da DUDH, também debate as conseqüências de sua violação. Constituída por 193 países-membros, a ONU caracteriza um compilado de culturas, costumes e ideologias variados, o que resulta em uma síntese, mesmo que grosseira e aproximada, das nações e de seus posicionamentos. Vale notar que as conseqüências de violações à DUDH nem sempre refletem posição unânime entre seus signatários. Às vezes, o alinhamento político de países violadores de Direitos Humanos a grandes potências pode afastar punições severas. Israel e Arábia Saudita, por exemplo, constantemente ferem Direitos Humanos e não sofrem represálias significativas. O caso de tais países, porém, decorre da crescente polarização política internacional e do choque entre esferas de influência, e não de impunidade seletiva. As decisões da ONU, em suma, representam uma resolução condizente com a opinião da maioria participante.

Em segundo lugar, a soberania dos Estados nacionais impede a homogeneização ideológica e econômica do mundo, além de permitir a pluralidade de paradigmas, de acordo com as necessidades e objetivos de cada país. A tendência de um mundo globalizado é a padronização aos moldes das nações mais influentes, o que resulta em um modelo incompatível para diversas outras. Modelos econômicos, por exemplo, não devem ser padronizados, visto que não existem economias idênticas. A soberania, nesse âmbito, atua de modo que interventores estrangeiros não obtenham sucesso em impor políticas econômicas.

Percebe-se, assim, que o equilíbrio na relação globalização-soberania se encontra na divisão em duas esferas: uma humanitária e outra política. Enquanto o aspecto humanitário da globalização deve ser intensificado, o político deve se sujeitar às particularidades de cada país. Dessa maneira, o ser humano, independentemente da nacionalidade, é favorecido; as instituições soberanas dos países, preservadas. Impera, portanto, a união entre os povos e a independência política dos Estados nacionais.



Marcelo Freitas é aluno da 3ª série C do Ensino Médio.

“O equilíbrio na relação globalização-soberania se encontra na divisão em duas esferas: uma humanitária e outra política.”

Caminhos para o respeito internacional

Discussões sobre a preservação da Floresta Amazônica ganham periodicamente os holofotes desde a década de 1970. O debate atual, porém, tem sido sobre o possível, entretanto delicado, equilíbrio entre globalização e soberania nacional. Se, por um lado, o Estado brasileiro busca afirmar-se soberano, por outro, organizações internacionais levantam a bandeira da preservação desse local de importância global. No entanto, ceder às pressões dos acordos internacionais não significa abdicar de soberania alguma, mas, sim, reafirmar o domínio sobre o território por meio da diplomacia, que pode abrir espaço ao diálogo e à ajuda internacional.

Em primeiro lugar, desde a segunda metade do século XX, raríssimos são os casos de territórios tomados de seus Estados nacionais, e o Norte brasileiro está longe de ser um deles. Em suma, o mundo nunca viveu um período tão prolongado de paz, graças, principalmente, à diminuição na disputa por territórios.

Economia e diplomacia são, em certo ponto de vista, os alicerces dos países soberanos, no que diz respeito à representatividade e à afirmação internacional. Tendo isso em mente, vemos a floresta viver hoje o impasse de possuir um alto potencial de exploração e expansão agropecuária, enquanto tem papel vital na manutenção climática de todo Hemisfério Sul (é o “ar condicionado do mundo”). Por conseguinte, a Floresta Amazônica sofre influência crescente do ativismo verde desde 1972, com a Conferência de Estocolmo, precisando conciliar um modelo produtivo sem afetar a vida no planeta, mas não se trata de uma disputa imperialista.

Outrossim, não fazer parte dos acordos globais pelo clima e meio ambiente também exclui um país de contratos comerciais com os demais signatários, colocando sua população à mercê da miséria econômica, beirando a subsistência, visto que, em um cenário de globalização, o isolamento econômico é fadar o país ao fracasso. Seguindo um caminho oposto, temos, no Centro-Oeste brasileiro, a região de Bonito (MS), com altos índices de preservação ambiental e respeito a todas as coalizões pelo clima e biodiversidade, e ainda assim com alta demanda turística, que movimenta economicamente o local. Assim, caso um país periférico no cenário in-

ternacional queira ir além da condição de subsistência, aceitar acordos diplomáticos é essencial.

É indubitável a necessidade de preservar a maior floresta tropical do globo. No entanto, conforme a lógica de mercado à que todos os países que levantam a bandeira capitalista estão submetidos, um território torna-se representativo e respeitado quando ganha influência econômica e quando, em vez de confrontar os interesses mundiais, encontra na diplomacia espaço para mútua cooperação globalmente. Logo, cabe ao governo brasileiro fazer a gerência da Amazônia de modo a preservá-la da devastação, apostando no turismo, setor de forte crescimento em escala global, como solução para proporcionar à população da floresta geração de renda, principalmente aos mais pobres, além de arrecadar capital para medidas socioambientais, de maneira que estas não dependam, exclusivamente, da ajuda de governos, quer o nacional, quer estrangeiros.



Pedro Henrique Soares é aluno da 3ª série B do Ensino Médio.

“Para países que visam ao ativismo financeiro e respeito internacional, a diplomacia tem de embasar todas as suas ações.”



Uma por todos

Professora do AB Sabin conta como sua vida tem sido pautada pelos valores da sustentabilidade.

Há cerca de cinco anos, a professora do AB Sabin Daniela Frigatto e o marido resolveram que era hora de proporcionar ao casal de filhos e a si mesmos uma vida mais saudável,

próxima da natureza, na qual curtissem momentos mais conectados uns aos outros que a aparelhos eletrônicos. Adquiriram um sítio em São Roque, a 70 km de São Paulo, que se tornou o refúgio de fins de semana da família. Um refúgio guiado desde sempre por princípios da sustentabilidade.

Ali, eles formaram uma horta orgânica, que abastece a cozinha da família com alface, brócolis, couve-flor, tomate-cereja, entre outras hortaliças, e começaram uma criação de galinhas poedeiras, que lhes fornece ovos frescos. O sítio também foi equipado com um sistema que capta água da chuva, utilizada para diversos fins. O próximo passo será montar uma composteira, para transformar restos de alimentos em adubo para a horta – que, aliás, é mantida livre de pragas com o uso de técnicas naturais de manejo, ensinadas a Daniela e a outras professoras do Sabin e do AB Sabin pela Reconnecta, empresa de Educação Ambiental que vem prestando consultoria aos Colégios há alguns anos (*v. matéria nas págs. 6 e 7*).

O que poderia ser entendido como decisões que só dizem respeito à família Frigatto, no entanto, tem adquirido para Daniela um significado mais profundo, à medida que ela vem ampliando seu entendimento sobre o conceito de sustentabilidade e sobre o impacto que ações individuais podem ter no meio ambiente.

“O que sustenta essas ações são os valores”, diz a professora, para quem o valor fundamental, no mundo de hoje, é o da empatia. “A questão mais importante é olharmos para

o outro: se faz mal para o outro, faz mal para mim”. O “outro”, no caso, não se refere a outros seres humanos apenas, mas ao planeta como um todo. “Lá em casa, passamos a comer carne vermelha no máximo três vezes por semana – por entender o impacto da pecuária no desmatamento –, e frango, sempre que possível, de fornecedores certificados, que garantam uma criação orgânica e sem maus-tratos”.

Foi passando a ver com mais clareza a inter-relação entre a vida de cada um e a vida de todos que Daniela levou ao Colégio, em abril, a ideia de um novo projeto para a Páscoa do AB Sabin. A tradicional doação de ovos de chocolate para entidades beneficentes foi substituída por uma bem-sucedida campanha de arrecadação de lacres de alumínio, que, entregues à ONG Entre Rodas, serão convertidos em cadeiras de rodas. “Uma coisa é você pegar seu dinheiro, ir à loja, comprar um ovo de Páscoa e doar para a escola. Isso é legal, mas outra coisa ainda melhor é você se engajar num projeto como esse, dedicar seu tempo, bater à porta do vizinho, falar com familiares, explicar a importância da causa”, explica a professora. Ela, claro, também fez sua parte, mobilizando o grupo de WhatsApp do condomínio onde mora, assim como o marido, que tem uma rede de cosméticos na Grande São Paulo e transformou suas lojas em postos de coleta. Juntos, o casal arrecadou mais de 50 garrafas PET cheias de lacre.

Mas ela não se dá por satisfeita. Provando que a experiência de fazer o bem transforma, Daniela, o marido e os filhos agora têm planos de embarcar numa viagem de “volunturismo” nas próximas férias familiares – escolhendo um destino onde possam praticar ações de voluntariado e cultivando ainda mais os valores da sustentabilidade.